

Suplemento Cultural

FLÁVIA RODHT EM: ‘EM TERRA DE MANOEL... DO BARRO VOAM ALDRAVIAS’

RAQUEL NAVEIRA – vice-presidente da ASL, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo



CAPA: GUTO NAVEIRA

Atraente capa de um livro literariamente neológico e intrigante

O título *Em Terra de Manoel... do Barro Voam Aldravias* constitui por si só um verso que nos intriga. Que seriam essas “aldravias” que brotam do barro? Flores? Pequenas margaridas? Pontinhas de estrelas? Larvas? Girinos? Que tipo de vida minúscula e colorida é essa germinando no pantano sul-mato-grossense, matéria primitiva da poética de Manoel de Barros?

Flávia Rodht, poetisa paulistana, radicada em Anastácio, professora de literatura, nos explica que aldravia é uma forma poética elaborada por Gabriel Bicalho composta de seis versos, seis palavras. Andreia Donadon, escritora mineira e ativista cultural, espalhou essa proposta criativa que foi imediatamente aceita por vários poetas num condão de aldravias e aldravipeias, conjunto de vinte aldravias autônomas sobre o mesmo tema, a mesma palavra, como no caso deste trabalho, em torno da figura de Manoel de Barros.

A aldravia, portanto, é uma forma

poética assim como o soneto (dois quartetos e dois tercetos) ou o haicai japonês (três versos, com cinco, sete e cinco sílabas, que tem como tema a natureza ou as estações do ano). Essas formas ajudam a atingir o ritmo próprio da Poesia, pois o teórico Carlyle considera a poesia “um pensamento musical”, cujo fim é a beleza. Porém, esta definição de Poesia (palavra indefinível) de Carlos Bousoño é a que mais nos reporta à aldravia: “Poesia é antes de tudo, comunicação, efetuada por palavras apenas, de um conteúdo psíquico (afetivo-sensório-conceitual) aceito pelo espírito como um todo, uma síntese”. Sim, “aldravia” é sumo da síntese, da emoção, da surpresa.

A escolha de Manoel de Barros co-

mo centro dessa “aldravipeia” é natural. Quem nesta terra onde ele nasceu e escolheu para habitar e cantar até o fim de seu quase um século de vida, ficaria imune à sua influência, ao seu legado no trato moderno com a linguagem? Ainda mais os artistas que mexem com palavras? Todos somos herdeiros de suas experiências no cultivo radical da arte poética, de suas novas concepções semânticas, de

seu voo de pássaro que se libertou das gaiolas das convenções estéticas imutáveis e arbitrarias. Flávia Rodht apossa-se também desse tesouro para expressar seu assombro com reverência e simplicidade, afinal, “Manoel extrai de Barros nobre poesia”. E vai pinçando silêncios, restos, miudezas, raminhos, passarinhos, insignificâncias, profundidades do nada, lampejos do infinito, esquisitices de menino, água de pedra, asas de borboletas, andrajões de andarilhos, zuniados de cigarras, invenções imagéticas, pipa no céu.

As ilustrações do artista plástico e grafiteiro Guto Naveira conversam de forma plena, contemporânea e poética com o texto. Que viagem na alma nos proporciona cada desenho sem-

“

A aldravia (...) é uma forma poética assim como o soneto (dois quartetos e dois tercetos) ou o haicai japonês (três versos, com cinco, sete e cinco sílabas, que tem como tema a natureza ou as estações do ano)”

pre destacando o próprio Manoel de Barros, menino antigo e peralta, solto como luz e balão entre os fios das aldravias!

Com aldravias sintéticas de Flávia Rodht, exercício que, por certo, agradaria muito o poeta Manoel de Barros e ilustrações mágicas, personalísimas, de Guto Naveira, esse livro consegue atingir o coração de crianças de todas as idades, dos oito aos oitenta anos, pois é infantil, maduro, lírico, sensível, um livro de Arte.

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE – UMA RELÍQUIA

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO – ex-presidente da ASL

Dos Santos da Igreja, com quem mais me identifiquei e tenho plena afeição chama-se São Francisco de Assis. Enfronho-me em sua história, converso com ele, sem segredos, sem falar mal um do outro, amigo de verdade, amigo de todos os dias, amigo mesmo. Acreditamos que somos parentes da humildade.

No penúltimo sábado de um remoto mês de junho, a convite, fui na rua D. Aquino até o nº 1849, edifício D. Aquino, 3º andar; ali aguardava-me, com certa ansiedade, o Dr. Manfredo Alves Correa, uma das expressivas figuras da história do estado de Mato Grosso do Sul que, com extrema dedicação, exerceu as funções eletivas de prefeito de Fátima do Sul, deputado estadual (dois mandatos), posteriormente ocupou os cargos de secretário adjunto da Secretaria de Justiça e Trabalho, secretário da Secretaria de Assuntos Fundiários do Município de

Campo Grande e Procurador Geral do Ministério Público de Contas, junto ao Tribunal de Contas de MS. Admirador confesso da literatura sul-mato-grossense, frequentador assíduo da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, autor de belas poesias, o Dr. Manfredo, após caloroso cumprimento, conduziu-me a uma ampla e confortável sala.

Em decorrência desta nossa amizade eu o convidei para lhe ofertar uma verdadeira relíquia da literatura brasileira – disse apalpando um envelope que estava do lado direito do sofá.

A curiosidade deixou-me inquieto. Aprimei-me na poltrona, ansioso, porém sereno diante da grandeza da hora. Seus olhos sorriam no ato solene da entrega. Com disfarçada sofreguidão abri o envelope. A surpresa ali estava. Maravilhosa surpresa. Contemplei na palma da mão direita, em êxtase, o livro “MEU SERTÃO”, edição de 1921, do extraordinário Catulo da Paixão Cearense. Uma brochura, de folhas

“

Contemplei na palma da mão direita, em êxtase, o livro ‘MEU SERTÃO’, edição de 1921, do extraordinário Catulo da Paixão Cearense”

caducas, letras miúdas e capa carcomida pela velhice, revestida de percalina incolor. Ora, havia relíquia maior a oferecer a um nordestino como eu? Quase fiquei gago no agradecimento.

Devagarzinho, com cuidado, abri a inusitada relíquia. Ali, diante dos meus olhos, desfilaram os célebres poemas “O Marrueiro”, “O Lenhador”, “O Passador de Gado”, “A Vaquejada” e o “Cangaceiro” (obra-prima), entre outros. Embevecido eu disse ao estimado doador que os poemas de Catulo enlevam, entusiasmam, enternecem, fazem chorar e

isto é que é poesia. Escreveu Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras, que alguns dos poemas de Catulo valem por um livro inteiro.

Na virada da última página explodiu a emoção maior. A folha espedaçada escondia o fabuloso “LUAR DO SERTÃO”. Com o coração aos pulos solfejei, quase num ciclo, a única estrofe visível;

– “Coisa mais bela
Nesse mundo não existe
Do que ouvir um galo triste,
O sertão se faz luar...
Parece até que a alma da lua é que canta
Escondida na garganta
Desse galo a soluçar...”

Os olhos do Dr. Manfredo encontraram-se com os meus e juntos, felizes, com vozes desafinadas, continuamos a canção:

– “Não há, ó gente ó não,
Luar como este do sertão...”
Naquela manhã de sábado, encontrei um outro amigo de verdade, amigo mesmo, porfiador da nossa literatura. Hoje, na calada da noite, vou conversar com São Francisco sobre ele. Assim como o Santo, enxergo no Dr. Manfredo um parente da humildade.

O inocente Gato Brás

JOSÉ PEDRO FRAZÃO – secretário da ASL

O gato Brás era o principal animal de estimação numa pequena igreja, onde o padre adotava ainda um cachorro e um macaco. O nome do gato talvez se devesse a São Brás, padroeiro do lugar. Viviam felizes, até que o sacerdote começou a reclamar do mau cheiro que se alastrava pela sede da paróquia. O odor de fezes e urina aumentava a cada dia a ponto de levar o pároco a investigar a higiene dos três amiguinhos.

O cachorro foi o primeiro a ser conduzido coercitivamente para uma casinha no fundo do quintal (onde funcionava um insalubre Lava a Jato), ao ser pego fazendo suas necessidades nos tapetes da sacristia. O macaco e o gato continuaram na mordomia do templo, mas não demorou para que o vigário voltasse a reclamar da insuportável catinga.

Só pode ser o macaco — fanfarrão o gato, esquivando-se da suspeita e argumentando em favor próprio que

não havia no mundo um animal mais limpo e mais puro que ele.

A presumida inocência do indolente bichano se fortaleceu quando o macaco foi flagrado fazendo suas necessidades dentro de uma mala de roupas, o que lhe rendeu um desconfortável lugar na casinha do cachorro.

A transferência do cão e do macaco, entretanto, não foi o suficiente para acabar com o odor na igreja. O olhar de reprovação e a desconfiança do reverendo se redobraram sobre o presunçoso felídeo, que, misteriosamente, nunca fora visto, de fato, promovendo qualquer sujeira.

O fedor se multiplicava tanto quanto se aumentava a suspeição contra o santificado felino, que deitava e rolava nos aveludados tapetes vermelhos da igreja, desafiando com desdém e galbolicos o olfato investigativo do clero e dos paroquianos. Nem mesmo as delações premiadas dos seus ex-comparas — o macaco e o cachorro —, que juraram no confessionário ser o gato Brás o autor das maiores cagadas da paróquia, serviram para incriminá-

“

O macaco e o gato continuaram na mordomia do templo, mas não demorou para que o vigário voltasse a reclamar da insuportável catinga”

lo. O dissimulado e preguiçoso hospede do clero bravateava inocência e desafiava os seus acusadores a apresentarem provas dos seus possíveis crimes.

Todos tinham certeza de que o gato era o protagonista da imundice que impregnava o santuário, porém, além de ele ser protegido cegamente pelos sacristãos, não havia como comprovar tantas evidências. A porridão que invadia as narinas ocultava-se dos olhos, a ponto de transformar o gato Brás em vítima de acusações infundadas.

POESIA

VERSOS ESPONTÂNEOS

Quero escrever um poema
Sem rima certa,
Sem cadência de soldado...
Como se fosse um passarinho
Voejando, sem destino,
No céu do pensamento...

Talvez qual uma borboleta
Sem preconceito de pousar
Numa flor ou num estrume...
Talvez como um vaga-lume
Cujas luz é um lampejo incerto
Nas trevas de um sonho abismal...

Quero ter o passo incerto
Do sertanejo indolente
Trilhando o trilho deserto
De uma ilusão sem fim...
Não importa pisar o vergel
Ou mortal cascavel!

Que a rima ou a cadência
Sejam meu próprio interior...
Não importa que o papel
Seja um pedaço de céu
Ou parte do meu amor;
Quero um poema de liberdade!...

Pois quero colocar pra fora
De um ego que tanto chora
Tudo que o tumultua, ao centro;
Quero ser livre como o vento
Que ainda continua, lá fora,
A sua mensagem pra dentro...

Se o compasso for de onda
Ou de uma sentinela;
Se a poesia nascer redonda
Ou com forma de tigela...
Nada disso me importa!
Quero um poema sem formalidade.

Verso curto
Ou quiçá longo demais pra se entender ou analisar...
Que importa isso tudo?!...
Se falo muito, ou me faço mudo
Ao entendimento do meu leitor...
Este buscará em mim apenas o poeta!

Agora, sim.
Aquele que em sonho eu amo,
E a quem o poema se destina,
– Esta, sim –
Não buscará cadência nem rima...
Buscará apenas o homem amado.
E ele estará presente – com rima e cadência –
Em cada verso mal traçado!

GERALDO RAMON PEREIRA

PORTARIA da ASL nº 01/2018 – Nova formação da CPAC

O presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no uso de suas atribuições, e de acordo com o art. 15º, inciso V, e art. 15º, inciso V, parágrafo único do Estatuto da ASL, RESOLVE:

Nomear os acadêmicos **Rubénio Marcelo, José Couto Vieira Pontes, Geraldo Ramon Pereira, José Pedro Frazão, Paulo Corrêa de Oliveira, Valmir Batista Corrêa e Ildeus Muller**, para – sob a presidência do primeiro (conforme Estatuto) – comporem, a partir desta data, a **Comissão Permanente de Análise de Candidatos (CPAC)** da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras no triênio que se encerra em 2020.

Campo Grande (MS), 27 de janeiro de 2018
Henrique Alberto de Medeiros Filho –
Presidente